

ELLE KENNEDY

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

O

SÉRIE
OFF-CAMPUS

PACTO

TOP
SEL
LER

NO QUE TOCA AO AMOR,
JOGAR PELO SEGURO NÃO É OPÇÃO.

1

Hannah

Ele não sabe que eu existo.

Pela milionésima vez em 45 minutos, lanço um rápido olhar na direção do Justin Kohl, e ele é tão bonito que sinto um aperto na garganta. Embora talvez devesse arranjar outro adjetivo — os meus amigos insistem que os homens não gostam de ser descritos como *bonitos*.

Mas, que raio, não há outra maneira de descrever as suas feições fortes e os melancólicos olhos castanhos. Ele hoje traz um boné de basebol, mas sei o que existe por baixo: um espesso cabelo escuro, daqueles com aspeto sedoso onde dá vontade de enfiar os dedos.

Nos cinco anos que passaram desde a violação, o meu coração bateu apenas por dois tipos.

O primeiro deixou-me.

O Justin, simplesmente, não repara em mim.

No palanque da sala de conferências, a professora Tolbert profere aquele a que costumo referir-me como o Discurso da Desilusão. É o terceiro em seis semanas.

Surpresa das surpresas, 70 por cento da turma teve menos de 13 no teste.

E Eu? Eu excedi-me. E estaria a mentir se não dissesse que o enorme 20! a vermelho no topo da minha prova intercalar é um autêntico choque. A única coisa que fiz foi escrever uma interminável corrente de tretas, para tentar preencher a folha de teste.

A cadeira de Ética Filosófica devia ser, supostamente, um descanso. O professor que a lecionava fazia testes acéfalos de escolha múltipla e um «exame final» que consistia na apresentação de um dilema moral e uma discussão sobre como reagiríamos a ele.

Mas, duas semanas antes do início do semestre, o professor Lane morreu subitamente com um ataque cardíaco. Ouvi dizer que foi a empregada de limpeza que o encontrou no chão da casa de banho... Nu. Pobre homem.

Por sorte (e, sim, estou a ser sarcástica), a Pamela Tolbert ofereceu-se para assumir a turma. Ela é nova na universidade Briar, e é o tipo de profe que quer que nos liguemos e nos «familiarizemos» com a bibliografia. Se isto fosse um filme, ela seria a jovem e ambiciosa professora que aparece na escola da zona má da cidade, inspira os miúdos sem rumo, e, de repente, toda a gente está a depor as suas *Kalashnikovs* e a pegar nos lápis, para depois os créditos no final anunciarem que todos os miúdos entraram em Harvard, ou coisa do género. E sai um Óscar para a Hilary Swank.

Só que isto não é um filme, o que significa que a única coisa que a Tolbert conseguiu inspirar nos seus alunos foi aversão. E ela não consegue, de facto, perceber porque é que ninguém se sai bem na sua aula.

Aqui vai uma pista — é porque ela faz o tipo de perguntas sobre as quais se poderia escrever toda uma tese de mestrado.

— Estou disposta a oferecer um teste de recuperação a quem tenha tido nota de 12 ou inferior. — O nariz da Tolbert enruga-se, como se ela não conseguisse conceber porque é que isto é sequer necessário.

A palavra que ela acabou de usar — *disposta*? Pois, claro. Ouvi dizer que vários alunos se queixaram dela aos seus orientadores, e desconfio que é a administração que a está a obrigar a dar a toda a gente uma nova oportunidade. Não é boa publicidade para a Briar que mais de metade dos alunos da cadeira tenha negativa, em especial quando não se trata só dos baldas. Alunos de 20 a tudo, como a Nell, agora amuada ao meu lado, também tiveram má nota na frequência.

— Os que optarem por repetir o teste, terão a média dos dois. Se piorarem no segundo, contará apenas a nota do primeiro — conclui a Tolbert.

— Não posso crer que tiveste um 20 — sussurra-me a Nell.

Parece tão aborrecida que sinto um baque de compaixão. Eu e a Nell não somos propriamente as melhores amigas, mas já nos sentamos lado a lado desde setembro, por isso é natural que nos tenhamos ficado a conhecer um pouco. Ela está a caminho da faculdade de Medicina e vem de uma família de pessoas muito bem-sucedidas que seriam capazes de a cobrir de alcatrão e penas, se soubessem da nota dela na prova intercalar.

— Nem eu — sussurro-lhe em resposta. — A sério. Lê as minhas respostas. São um chorrilho de coisas sem sentido.

— Posso mesmo ler? — A Nell parece agora ansiosa. — Tenho curiosidade de ver o que é que a Tirana considera uma resposta para 20.

— Eu digitalizo o teste e envio-te uma cópia esta noite — prometo.

Assim que a Tolbert nos manda sair, o anfiteatro enche-se de ruídos de «bora mas é bazar». Há portáteis a fechar-se bruscamente, cadernos enfiados nas malas, alunos a sair dos seus lugares.

O Justin Kohl deixa-se ficar junto à porta a conversar com alguém, e o meu olhar projeta-se para ele como um míssil. Ele é tão bonito.

Já disse como é bonito?

Fico com as palmas das mãos suadas enquanto observo como é atraente de perfil. Ele é novo na Briar, mas não sei de que faculdade veio transferido, e, embora não tenha perdido tempo a tornar-se a estrela da equipa de futebol americano, não é como os outros atletas de cá. Não se pavoneia pelo *campus* com um daqueles sorrisos de sou-uma-dádiva-de-Deus-ao-mundo, nem aparece com uma rapariga nova pelo braço todos os dias. Já o vi rir e gracejar com os colegas, mas ele emite uma vibração inteligente e intensa que me faz pensar que existem camadas profundas por baixo do que mostra à superfície. O que só me deixa ainda mais desesperada por conhecê-lo.

Não costumo interessar-me por atletas, mas este tem qualquer coisa que me transforma numa papa sem cérebro.

— Estás outra vez a olhar para ele.

A voz trocista da Nell faz-me corar. Já me apanhou a babar-me para o Justin em mais do que uma ocasião, e ela é uma das poucas pessoas a quem tive de confessar a minha paixão.

A minha companheira de quarto, a Allie, também sabe, mas os outros amigos? Nem pensar. Quase todos são estudantes de Música ou Teatro, por isso acho que somos considerados por aqui como o pessoal das artes. Tirando a Allie, que desde o primeiro ano tem uma relação algo intermitente com um tipo de uma república, as minhas amigas adoram dizer mal da elite da Briar. Não costumo acompanhá-las neste passatempo (gosto de pensar que sou superior à coscuvilhice) mas... há que admitir. Na sua maioria, os rapazes populares são uns autênticos idiotas.

Como, por exemplo... o Garrett Graham, a outra estrela do desporto nesta turma. O tipo anda por aí como se fosse dono disto tudo. E se calhar é mesmo. Só precisa de estalar os dedos para uma rapariga aparecer ao seu lado. Ou para lhe saltar para o colo. Ou para lhe enfiar a língua pela garganta abaixo.

Mas hoje não está com o ar de *Big Boss* habitual. Quase toda a gente saiu, incluindo a Tolbert, mas o Garrett continua no seu lugar, as mãos cerradas com força sobre a sua folha de teste.

Também deve ter tido negativa, mas não estou com muita pena do tipo. A Briar é conhecida por duas coisas — o hóquei e o futebol americano, o que não é de admirar, já que Massachusetts é a terra das equipas dos Patriots e dos Bruins. Os atletas que jogam pela Briar quase sempre acabam por fazê-lo profissionalmente, sendo que, durante os anos que aqui passam, recebem tudo de mão beijada — incluindo as notas.

Por isso, bom, talvez isso me torne um pouco vingativa, mas sinto uma sensação de triunfo ao perceber que a Tolbert também dá negativa ao capitão da nossa vencedora equipa de hóquei, tal como a todos os outros.

— Queres ir beber qualquer coisa ao Coffee Hut? — pergunta a Nell enquanto reúne os seus livros.

— Não posso. Tenho ensaio daqui a vinte minutos. — Levanto-me, mas não a sigo para a porta. — Vai andando. Tenho de verificar o meu horário antes de ir. Não me consigo lembrar de quando tenho a próxima orientação tutorial.

Outra «vantagem» de estar na turma da Tolbert: para além da nossa aula semanal, somos obrigados a frequentar duas aulas de orientação tutorial de trinta minutos por semana. O lado positivo é que são dirigidas pela Dana, a professora assistente, e ela tem todas as qualidades que faltam à Tolbert. Como sentido de humor.

— Está bem — diz a Nell. — Até logo.

— Até logo — respondo.

Ao som da minha voz, o Justin faz uma pausa na sua conversa à porta e vira a cabeça.

Oh. Meu. Deus.

É impossível deter o rubor que me sobe pelas faces. É a primeira vez que os nossos olhares se cruzam, e eu não sei como reagir. Digo olá? Aceno? Sorrio?

Acabo por decidir-me por um pequeno aceno com a cabeça. *Pronto*. Um aceno calmo e descontraído, que encaixa bem numa aluna de faculdade sofisticada.

O meu coração detém-se quando um canto da boca dele se eleva num leve sorriso. Retribui o aceno, depois desaparece.

Fico de olhos postos na ombreira da porta vazia. O meu coração explode num galope, porque, *caramba!*, ao fim de seis meses a respirarmos o mesmo ar neste anfiteatro apinhado, ele reparou finalmente em mim.

Quem me dera ter coragem suficiente para ir atrás dele. Talvez convidá-lo para um café. Ou um jantar. Ou um *brunch*... Espera, as pessoas da nossa idade vão ao *brunch*?

Mas os meus pés continuam firmemente enraizados no brilhante soalho laminado.

Porque sou uma cobarde. Sim, uma verdadeira cobardolas de merda. Tenho terror de que ele diga que não, mas tenho ainda mais terror de que diga que *sim*.

Quando entrei para a faculdade, eu estava bem. Com os problemas solidamente para trás das costas e as defesas em baixo. Estava pronta para voltar a sair com alguém, e foi o que fiz. Saí com vários rapazes, mas, tirando o meu ex-namorado, o Devon, nenhum deles fez o meu corpo palpitar como o Justin Kohl faz, e isso assusta-me à brava.

Um passo de cada vez.

Isso mesmo. Um passo de cada vez. Era o conselho preferido da minha psicóloga, e não posso negar que a estratégia me ajudou bastante. Concentra-te nas pequenas vitórias, aconselhava sempre Carole.

Muito bem... a vitória de hoje... Acenei ao Justin e ele sorriu-me. Na próxima aula, talvez eu lhe sorria também. E, na outra, talvez aborde a ideia do café, jantar ou *brunch*.

Respiro fundo enquanto desço o corredor, agarrando-me àquela sensação de vitória, por muito diminuta que possa ser.

Um passo de cada vez.

Garrett

Tive negativa.

Negativa, porra!

Durante 15 anos, o Timothy Lane distribuiu notas de 19 e 20 como se fossem rebuçados. E agora, no ano em que *eu* faço a cadeira? O Lane bate as botas e eu levo com a Pamela Tolbert.

Pronto, é oficial. Aquela mulher é a minha arqui-inimiga. Só de ver a sua letra floreada — que preenche cada milímetro de espaço disponível nas margens da minha prova intercalar — dá-me vontade de me transformar no Incrível Hulk e rasgar a folha de teste em pedacinhos.

Sou aluno de 20 na maior parte das outras cadeiras, mas tenho diante de mim uma negativa a Ética Filosófica. Combinada com o 14 que tive em História de Espanha, a minha média desceu para 12.

Preciso de uma média de 14 para jogar hóquei.

De um modo geral, não tenho problemas em manter a minha média alta. Apesar do que muita gente julga, não sou um atleta burro. Mas, tudo bem, não me importo que as pessoas acreditem que o sou. As mulheres, em particular. Suponho que elas se sintam excitadas com a ideia de irem para a cama com o grande homem das cavernas que só é bom para uma coisa, mas, uma vez que não ando à procura de nada sério, casos sem importância com miúdas que só querem o que tenho entre as pernas servem-me perfeitamente. Dão-me mais tempo para me concentrar no hóquei.

Só que não vai haver mais hóquei se não subir esta nota. A pior coisa na Briar? O nosso reitor exige excelência — académica e desportiva. Enquanto outras escolas podem ser mais indulgentes com os atletas, a Briar tem uma política de tolerância zero.

Maldita Tolbert. Quando falei com ela antes da aula para pedir um crédito extra, ela disse-me naquela sua voz nasalada para ir às aulas de orientação tutorial e reunir-me com o grupo de estudo. Eu já faço as duas coisas. Por isso, sim, a não ser que contrate algum génio para usar uma máscara com a minha cara e fazer a prova intercalar por mim... estou lixado.

A minha frustração manifesta-se na forma de um audível grunhido, e, pelo canto do olho, vejo alguém dar um pulo de surpresa.

Eu também fico sobressaltado, porque pensava que estava a chafurdar na minha infelicidade sozinho. Mas a rapariga que se senta na fila do fundo da sala ainda aqui está, a descer o corredor na direção da secretária da Tolbert.

Mandy? Marty?

Não me lembro do nome dela. Provavelmente, porque nunca me dei ao trabalho de lho perguntar. Mas é gira. Bem mais gira do que tinha percebido. Cara bonita, cabelo escuro, boa de corpo — merda, como é que nunca tinha reparado neste corpo antes?

Mas estou a reparar agora. Calças de ganga justas, um rabo espetado que parece gritar «apalpa-me» e a camisola de decote em V a envolver um peito seriamente impressionante.

Mas não tenho tempo para admirar nenhum desses aspetos apelativos, porque ela apanha-me a olhar e franze os lábios.

— Está tudo bem? — pergunta com um olhar vincado.

Resmoneio qualquer coisa em surdina. Não estou com vontade de falar com ninguém, neste momento.

Uma sobranceira escura ergue-se.

— Desculpa, falaste em língua de gente?

Amarro o teste numa bola e puxo a minha cadeira para trás para me levantar.

— Eu disse que está tudo bem.

— OK. — Encolhe os ombros e continua a descer os degraus.

Enquanto ela pega na pasta que contém o nosso calendário de aulas de orientação tutorial, visto o meu blusão do Hóquei da Briar, enfio o meu patético teste na mochila e fecho-a.

A rapariga de cabelo escuro volta para o corredor. Mona? Molly? O M parece-me estar certo, mas o resto é um mistério. Ela leva o seu teste na mão, mas não tento ver a nota porque depreendo que teve negativa, tal como todos os outros.

Deixo-a passar na minha frente para o corredor. Suponho que poderia dizer que é por ser um cavalheiro, mas seria mentira. Quero controlar-lhe outra vez o rabo, porque achei-o sexy à brava e, agora que o vi, não me importo de o ver outra vez. Sigo-a na direção da saída, apercebendo-me de repente de como é baixinha — vou a um passo de distância dela, mas, mesmo assim, consigo ver-lhe o alto da cabeça.

No momento em que chegamos à porta, ela tropeça em absolutamente nada e os livros que tem nos braços estatelam-se no chão.

— Merda. Que desastrada.

Ajoelha-se no chão e eu faço o mesmo, porque, apesar da minha declaração anterior, eu sei ser um cavalheiro quando quero, e a atitude mais cavalheiresca será ajudá-la a apanhar os livros.

— Oh, não é preciso. Está tudo bem — insiste a rapariga.

Mas a minha mão já entrou em contacto com o teste dela, e eu fico de queixo caído quando vejo a sua nota.

— Bolas! Tiveste 20? — admiro-me.

Ela faz um sorriso autodepreciativo.

— Pois, já viste? Tinha a certeza de que ia ter nega.

— Caramba. — Sinto que acabei de esbarrar com o Stephen Hawking e que ele está a exhibir os segredos do Universo diante do meu nariz. — Posso ler as tuas respostas?

Ela volta a arquear as sobrancelhas.

— Isso é um bocado atrevido da tua parte, não achas? Nem sequer nos conhecemos.

Reviro os olhos.

— Não estou a pedir-te que te dispas, miúda. Só quero ver o teu teste.

— *Miúda?* Agora não estás só a ser atrevido, estás também a ser presunçoso.

— Preferes *menina?* *Minha senhora,* talvez? Podia tratar-te pelo teu nome, mas não sei como te chamas.

— Claro que não. — Ela suspira. — Chamo-me Hannah. — Faz uma pausa significativa. — *Garrett.*

Pronto, aquela cena do M estava *beeem* longe da verdade.

E não deixo de reparar na forma como ela enfatiza o meu nome, como que a dizer: *Pois é! Eu sei o teu, idiota!*

Ela reúne o resto dos seus livros e levanta-se, mas não lhe passo o teste. Em vez disso, levanto-me de um salto e começo a folheá-lo. Enquanto vejo rapidamente as suas respostas, o meu ânimo abate-se ainda mais, porque, se é este o tipo de análise que a Tolbert procura, estou mesmo lixado. Há uma razão para eu estudar História, pelo amor de Deus — eu lido com factos. Preto e branco. Isto aconteceu nesta altura, a esta pessoa, e o resultado é este.

As respostas da Hannah focam-se em merdas teóricas e em como os filósofos responderiam aos vários dilemas morais.

— Obrigado. — Devolvo-lhe a folha de teste, enfiando depois os polegares nas presilhas das calças. — Olha... Achas que... Importavas-te... — Encolho os ombros. — Estás a ver...

Os lábios dela contraem-se, como se estivesse a tentar não se rir.

— Por acaso, *não* estou.

Solto o ar nos pulmões.

— Podias dar-me explicações?

Os seus olhos verdes — do mais escuro tom de verde que alguma vez vi e rodeados por espessas pestanas pretas — passam de surpreendidos a céticos numa questão de segundos.

— Eu pago-te — apresso-me a acrescentar.

— Ah. Hum. Bem, sim, claro que esperaria que me pagasses. Mas... — Ela abana a cabeça. — Desculpa. Não posso.

Tento ocultar a minha desilusão.

— Vá lá, fazias-me um enorme favor. Se tiver negativa no teste de recuperação, a minha média vai implodir. Por favor? — Mostro-lhe um sorriso, aquele que faz aparecer as minhas covinhas nas faces e nunca falha em deixar as miúdas todas derretidas.

— Isso costuma funcionar? — pergunta ela com curiosidade.

— O quê?

— O sorriso de menino fofinho... Isso ajuda-te a conseguir o que queres?

— Sempre — respondo sem hesitação.

— *Quase* sempre — corrige-me. — Olha, desculpa, mas estou sem tempo. Já tenho de conciliar o estudo e o trabalho, e, com a audição de inverno a aproximar-se, vou ter ainda menos tempo.

— Audição de inverno? — pergunto, sem perceber.

— Ah, pois é, esqueci-me. Como não tem que ver com hóquei, não estás a par.

— E agora quem é que está a ser presunçosa? Nem sequer me conheces.

Há uma pausa e depois ela suspira.

— Eu estudo Música. E a Faculdade de Artes organiza duas grandes audições todos os anos, a audição de inverno e a de primavera. O vencedor ganha uma bolsa de cinco mil dólares. É uma coisa em grande. Vêm pessoas importantes da indústria de todo o país para assistirem. Agentes, produtores discográficos, caçadores de talentos... Por isso, por muito que quisesse ajudar-te...

— Mas não querias — resmungo. — Pela tua cara, nem sequer queres estar a *falar* comigo, neste momento.

O seu pequeno encolher de ombros diz «apanhaste-me», fazendo-me sentir ferido.

— Tenho de ir para o ensaio. Lamento que tenhas tido negativa na cadeira, mas, se te faz sentir melhor, quase toda a gente teve.

Semicerro os olhos.

— *Tu* não tiveste.

— Não tenho culpa. A Tolbert parece gostar do meu tipo de palha. É um dom.

— Bem, eu quero o teu dom. Por favor, mestre, ensina-me a debitar palha.

Estou a dois segundos de cair de joelhos para lhe suplicar, mas ela já está à porta.

— Sabes que há um grupo de estudo, não sabes? Posso dar-te o número de...

— Já estou nesse grupo — balbucio.

— Ah. Bom, então não posso fazer muito mais por ti. Boa sorte no teste de recuperação. *Miúdo*.

Sai pela porta fora, deixando-me ali, frustrado. Inacreditável. Qualquer outra rapariga desta faculdade seria capaz de cortar a porra de um braço para me ajudar. Mas esta? Foge como se eu lhe tivesse pedido que assassinasse um gato para servir de sacrifício a Satanás.

E agora voltei ao ponto onde estava antes de a Hannah-sem-um-M me dar aquela pequeníssima centelha de esperança.

Regiamente lixado.

2

Garrett

Os meus colegas de quarto estão podres de bêbedos, quando entro na sala de estar depois do grupo de estudo. A mesa de centro está a transbordar de latas de cerveja vazias, juntamente com uma garrafa quase vazia de *Jack* que eu sei que pertence ao Logan, que subscreve a filosofia de que *cerveja é para mariquinhas*. As palavras são dele, não minhas.

Neste momento, o Logan e o Tucker confrontam-se num acalorado jogo de *Ice Pro*, com os olhares colados ao ecrã plano enquanto primem furiosamente os botões dos seus comandos. O olhar do Logan desvia-se ligeiramente quando repara em mim à porta, e essa fração de segundo de distração tem um preço para ele.

— Toma! — festeja o Tuck, quando o seu defesa desfere um remate que ultrapassa o guarda-redes do Logan e o marcador fica iluminado.

— Oh, por favor! — O Logan põe o jogo em pausa e vira-se para mim, carrancudo. — Mas que raio, G? Acabei de perder por tua causa.

Não respondo, porque agora sou eu que estou distraído — pela sessão de marmelada seminua a ter lugar a um canto da sala. O Dean está outra vez naquilo. De peito nu e descalço, vejo-o estendido na poltrona enquanto uma loura sem nada mais do que um soutien de renda preta e calções minúsculos está montada em cima dele a roçar-se nas suas virilhas.

Olhos azul-escuros espreitam por cima do ombro da miúda, e o Dean sorri na minha direção.

— Graham! Onde é que tens andado, meu? — pergunta, com a voz arrastada.

Volta a beijar a loura antes que eu tenha tempo para responder.

Por alguma razão, o Dean gosta de curtir com as miúdas em todo o lado *menos* no seu próprio quarto. A sério. De cada vez que me viro, está a meio de alguma forma de deboche. Na bancada da cozinha, no sofá da sala, na mesa da sala de jantar — o tipo já estreou cada centímetro da casa que nós os quatro partilhamos. É um autêntico promíscuo e vive perfeitamente bem com isso.

Mas quem sou eu para falar? Não sou nenhum monge, e o Logan e o Tuck também não são. O que é que posso dizer? Os jogadores de hóquei são uns filhos da mãe cheios de tesão. Quando não estamos no gelo, podemos, de um modo geral, ser encontrados a conhecer melhor uma ou duas «coelhinhas do hóquei». Ou três, como foi o caso do Tucker na última festa de passagem de ano.

— Estou há uma hora a mandar-te mensagens, meu — informa-me Logan.

Os seus ombros gigantes projetam-se para a frente, enquanto ele pega na garrafa de whisky que está em cima da mesa. O Logan é um defesa do caraças, um dos melhores com quem alguma vez joguei, e também o melhor amigo que já tive. O seu nome próprio é John, mas chamamos-lhe Logan, porque se torna mais fácil diferenciá-lo do Tucker, cujo primeiro nome também é John. Por sorte, o Dean é apenas Dean, por isso não temos de o chamar pelo seu pomposo apelido: Heyward-Di Laurentis.

— A sério, onde raio é que te meteste? — resmungo o Logan.

— Grupo de estudo. — Pego numa das *Bud Light* que estão em cima da mesa e arranco-lhe a tampa. — Que surpresa é essa de que não paravas de falar?

Percebo sempre o grau de alcoolização do Logan com base na gramática das suas mensagens. E esta noite deve estar muito bêbedo, porque tive de dar uma de Sherlock Holmes para decifrar as suas

mensagens. *Suprs* significava surpresa. Vjpcá levou mais tempo a descodificar, mas penso que queria dizer *vem já para cá*. Mas, com o Logan, quem é que sabe?

Do seu lugar no sofá, está a sorrir tanto que estranho que o queixo não se solte. Acena com o polegar para o teto e diz:

— Vai lá cima e vê por ti mesmo.

Semicerrou os olhos.

— Porquê? Quem é que está lá em cima?

O Logan faz um sorriso de troça.

— Se te dissesse, deixava de ser surpresa.

— Porque é que tenho a sensação de que estás a tramar alguma?

— Porra! — intromete-se o Tucker. — Tu não confias nas pessoas, G.

— Diz o idiota que deixou um guaxinim vivo no meu quarto no primeiro dia do semestre.

O Tucker sorri.

— Oh, vá lá, o *Bandit* era um querido, caraças! Foi a tua prenda de regresso a casa.

Mostro-lhe o dedo do meio.

— Pois, mas eu vi-me aflito para me ver livre da tua *prenda*. — Faça-lhe uma careta porque ainda me lembro dos três tipos do controlo de pragas que foram necessários para desguaxinizar o meu quarto.

— Por amor da santa! — grunhe o Logan. — Vai lá cima e cala-te! Confia em mim, vais agradecer-me por isso.

O olhar cúmplice que trocam acalma a minha desconfiança. Mais ou menos. Quer dizer, não vou baixar a guarda por completo, com *estes* idiotas não é possível.

Roubo mais duas latas de cerveja à saída. Não costumo beber muito durante a época de jogos, mas o treinador deu-nos a semana de folga para podermos estudar para as prova intercalares, e ainda me restam dois dias de liberdade. Os meus colegas de casa, sacanas de sorte, não parecem ter problemas em emborcar doze cervejas e jogar como campeões no dia a seguir. Mas eu? A mais pequena

bebedeira provoca-me uma tremenda dor de cabeça na manhã seguinte, e depois pareço um puto de 2 anos a patinar com o seu primeiro par de *Bauers*.

Quando voltarmos ao calendário de treinos de seis dias por semana, o meu consumo de álcool vai descer para o habitual limite de uma/cinco. Uma bebida em noites de treino, cinco depois de um jogo. Sem exceções.

Tenciono aproveitar ao máximo o tempo que ainda me resta.

Munido de cervejas, subo para o meu quarto. O quarto principal. Sim, não me importei de jogar o trunfo do sou-o-capitão-de-equipa para ficar com ele, e, para dizer a verdade, valeu mesmo a pena a discussão. Casa de banho privada, não preciso de dizer mais nada.

A minha porta está entreaberta, uma visão que me transporta de imediato de volta ao território da desconfiança. Espreito cautelosamente para cima da porta, para verificar se não está nenhum balde de sangue ali pendurado, depois empurro-a milimetricamente. A porta cede e eu entro com cuidado, preparado para uma emboscada.

E sou mesmo emboscado.

Só que é mais uma emboscada visual, porque, *caraças!*, a rapariga na minha cama parece ter saído de um catálogo da *Victoria's Secret*.

Bem, eu sou gajo. Não sei o nome de metade das merdas que ela tem vestidas. Só sei que estou a ver renda branca e laços cor-de-rosa e montes de pele. E estou feliz.

— Estava a ver que não vinhas. — A Kendall lança-me um sorriso sensual que diz *vais ter sorte esta noite, rapagão*, e o meu pénis reage, engrossando por baixo do fecho das calças. — Só te ia dar mais cinco minutos antes de me ir embora.

— Nesse caso, cheguei mesmo a tempo. — O meu olhar percorre a sua indumentária de fazer babar qualquer um, e depois digo, com a voz arrastada: — Oh, miúda, isso é tudo para mim?

Os seus olhos azuis escurecem, sedutores.

— Sabes que sim, garanhão.

Estou bem ciente de que soamos como personagens de um filme porno manhoso. Mas, vamos lá ver, quando um homem entra

no quarto e encontra uma mulher com *este aspeto*, não se importa nada de representar qualquer cena reles que ela queira, mesmo que envolva fingir que é o tipo das *pizzas* a fazer uma entrega a uma quarentona tarada.

Eu e a Kendall embrulhámo-nos pela primeira vez no verão, mais por conveniência do que por qualquer outra coisa, porque calhou estarmos os dois por cá durante as férias. Fomos a um bar um par de vezes, uma coisa levou à outra e, quando dei por mim, estava enrolado com uma miúda podre de boa da república feminina. Mas a coisa arrefeceu antes de as provas intercalares começarem e, tirando umas mensagens picantes aqui e ali, não tenho sabido da Kendall.

— Calculei que podias querer divertir-te um bocadinho antes de os treinos recomeçarem — diz ela, com as unhas bem tratadas a brincar com o minúsculo lacinho cor-de-rosa no centro do soutien.

— Calculaste bem.

Um sorriso curva-lhe os lábios enquanto ela se soergue sobre os joelhos. Raios, tem as mamas praticamente a transbordar daquela coisa de renda que usa. Faz-me sinal com um dedo.

— Vem cá.

Não perco tempo a juntar-me a ela. Porque... mais uma vez... sou *gajo*.

— Acho que tens um bocadinho de roupa a mais — observa ela, levando em seguida as mãos ao cóis das minhas calças e desapertando o botão. Puxa o fecho para baixo e, passado um segundo, tem a minha pila na sua mão ansiosa. Há semanas que não lavo roupa, por isso optei por andar *ao fresco* até conseguir organizar as minhas coisas, e, pela maneira como os olhos dela se inflamam de calor, percebo que aprova esta cena de zero boxers.

Quando fecha os dedos à minha volta, um gemido escapa-se da minha garganta. Oh, sim. Não há nada melhor do que sentir a mão de uma mulher no pénis.

Não, afinal enganei-me. A língua da Kendall também quer brincar e, caramba, é *muito* melhor do que a sua mão.



Passada uma hora, a Kendall enrosca-se ao meu lado e pouisa a cabeça no meu peito. A *lingerie* dela e a minha roupa estão espalhadas pelo chão do quarto, juntamente com dois invólucros de preservativos vazios e o tubo de lubrificante que não precisámos de abrir.

Todo este enroscaço deixa-me apreensivo, mas não posso propriamente empurrá-la daqui para fora e exigir que se ponha a andar, quando é óbvio que se esforçou tanto nesta sedução.

Mas também isso me preocupa.

As mulheres não se apinocam todas com *lingerie* cara para uma queca casual, pois não? Eu aposto que não, e as palavras seguintes da Kendall validam a minha inquietação.

— Tive saudades tuas, amor.

O meu primeiro pensamento é: *merda*.

O meu segundo pensamento é: *porquê?*

Porque em todo o tempo que estivemos juntos, a Kendall nunca fez qualquer esforço para me conhecer. Quando não estamos a fazer sexo, ela limita-se a falar sem parar de si própria. A sério, acho mesmo que ela não fez uma única pergunta pessoal a meu respeito desde que nos conhecemos.

— Eeh... — Debato-me na busca de palavras, na busca de uma sequência de palavras em que não consista em *Também, tive, saudades e tuas*. — Tenho andado ocupado. Sabes como é, com as provas intercalares.

— Claro. Andamos na mesma faculdade. Eu também estava a estudar. — Há agora uma ligeira alteração na sua voz. — Tiveste saudades minhas?

Porra. O que é que vou responder a isto? Não vou mentir, não a quero iludir. Mas também não vou ser um parvalhão e admitir que ela nem sequer me passou pela cabeça desde a última vez que estivemos juntos.

A Kendall senta-se e semicerra os olhos.

— É uma pergunta de sim ou não, Garrett. Tiveste. Saudades. Minhas.

O meu olhar dardeja para a janela. Pois é, estou no piso de cima e pondero mesmo a hipótese de saltar da maldita janela. É aí que chega o meu desespero para evitar esta conversa.

Mas o meu silêncio fala por si, e, de repente, a Kendall sai a voar da cama, com o cabelo louro a chicotear em todas as direções, enquanto procura as suas roupas.

— Oh, meu Deus. És tão cretino! Tu não gostas mesmo nada de mim, pois não, Garrett?

Levanto-me e descrevo uma linha reta até às minhas calças.

— Eu gosto de ti — protesto. — Mas...

Ela veste furiosamente as cuecas.

— Mas o quê?

— Mas pensei que estava tudo muito claro entre nós. Eu não quero nada sério. — Lanço-lhe um olhar vincado. — Disse-te isto desde o princípio.

A sua expressão suaviza-se enquanto ela morde o lábio.

— Eu sei, mas... pensei...

Sei exatamente o que ela pensou — que ia ficar louco de paixão por ela e que os nossos encontros casuais haveriam de transformar-se no maldito *Diário da Nossa Paixão*.

Para ser sincero, já nem sei porque é que me dou ao trabalho de estabelecer regras. Pela experiência que tenho, nenhuma mulher entra numa relação casual a acreditar que vai manter-se casual. Pode dizer o contrário, pode até convencer-se de que está na boa com um festim de sexo sem quaisquer laços, mas, no fundo, a sua esperança é a de que se transforme em alguma coisa mais profunda.

E depois, eu, o vilão na sua comédia romântica pessoal, rebento com aquela bolha de esperança, apesar de nunca lhe ter mentido a respeito das minhas intenções, de nunca lhe ter dado indicações do contrário, nem por um segundo.

— A minha vida é o hóquei — digo, sombrio. — Treino seis dias por semana, jogo vinte jogos por ano... mais, se contarmos com a pós-temporada. Não tenho tempo para uma namorada, Kendall. E tu mereces bem mais do que aquilo que te posso dar.

A infelicidade embacia-lhe os olhos.

— Eu já não quero ter só isto. Quero ser tua namorada.

Quase me voa da boca outro *porquê?*, mas mordo a língua. Se ela tivesse mostrado qualquer interesse em mim para além do sentido carnal, até podia acreditar, mas o facto de não o ter feito deixa-me a pensar se a única razão por que a Kendall deseja um relacionamento comigo terá que ver com o facto de eu ser uma espécie de símbolo de estatuto para ela.

Engulo a minha frustração e tento desculpar-me de novo, pouco à vontade.

— Desculpa. Mas é o que sinto neste momento.

Enquanto aperto as calças de ganga, ela volta a concentrar-se em vestir rapidamente as suas roupas. Embora falar de roupas seja um pouco forçado — as únicas coisas que trazia vestidas eram a *lingerie* e uma gabardina. O que explica porque é que o Logan e o Tucker estavam a sorrir como uns idiotas quando cheguei a casa. Porque quando uma rapariga aparece à nossa porta de gabardina, sabemos perfeitamente que ela não traz muito mais por baixo.

— Não posso voltar a estar contigo — diz, por fim, com o seu olhar a encontrar o meu. — Se continuarmos a fazer... isto... só vou ficar mais ligada a ti.

Não posso contradizer este argumento, por isso não o faço.

— Mas divertimo-nos, certo?

Após uma pausa, ela sorri.

— Sim, divertimo-nos.

Ela fecha a distância entre nós e põe-se em bicos de pés para me beijar. Correspondo ao beijo, mas não com o mesmo grau de paixão de antes. Prefiro mantê-lo ligeiro. Delicado.

A relação teve o seu tempo e não vou seduzi-la outra vez.

— Dito isto... — Os seus olhos cintilam maliciosamente. — Se mudares de ideias a respeito dessa coisa da namorada, avisa-me.

— Serás a primeira pessoa a quem vou ligar — prometo.

— Ótimo.

Dá-me um beijo na face e sai pela porta, deixando-me maravilhado com a facilidade com que isto correu. Eu já estava a preparar-me para uma discussão, mas, tirando aquela inicial explosão de raiva, a Kendall aceitou a situação de um modo espetacular.

Era bom que todas as mulheres fossem tão fáceis de convencer.

Sim, é mesmo uma boca para a Hannah.

O sexo abre-me sempre o apetite, por isso desço as escadas em busca de comida e fico feliz por descobrir que ainda há sobras de arroz e frango frito, cortesia do Tuck, que é o nosso *chef* residente, já que nenhum dos outros sabe sequer ferver água sem a queimar. O Tuck, pelo contrário, foi criado no Texas com a mãe solteira, que o ensinou a cozinhar quando ele ainda andava de fraldas.

Instalo-me ao balcão e enfio um pedaço de frango na boca no preciso momento em que o Logan entra sem mais nada vestido a não ser os boxers axadrezados.

Ergue uma sobrancelha quando me vê.

— Olá. Não estava à espera de voltar a ver-te esta noite. Calculei que estivesse MOF.

— MOF? — pergunto, com a boca cheia. O Logan gosta de inventar acrónimos, na esperança de que comecemos a usá-los como gíria própria, mas em metade das vezes não faço ideia do que está a falar.

Sorri.

— Muito ocupado a foder.

Reviro os olhos e como uma garfada de arroz selvagem.

— A sério, a Loura já se foi?

— Já. — Mastigo antes de continuar. — Ela sabe como é. — Ou seja, nada de namoradas e, decididamente, nada de passar cá a noite.

O Logan pousa os antebraços no balcão, com os olhos azuis a cintilar quando muda de assunto.

— Mal posso esperar pelo jogo em St. Anthony este fim de semana. Já sabes? A suspensão do Braxton já acabou.

Isto capta a minha atenção.

— Não me gozes. Ele joga no sábado?

— Pois joga. — A expressão do Logan torna-se jubilosa.

— Vou gostar tanto de dar cabo daquele idiota.

O Greg Braxton é a estrela da equipa de St. Anthony e um perfeito merdoso como ser humano. O tipo tem uma veia sádica que não receia soltar no ringue de gelo, e, quando as nossas equipas se de-frontaram na pré-época, mandou um dos nossos para as urgências do hospital com um braço partido.

Daí a sua suspensão por três jogos, embora, se fosse eu a decidir, aquele psicopata seria banido para sempre do hóquei universitário.

— Se precisares de ajuda, vou estar lá contigo — prometo.

— Não me vou esquecer. Ah, e para a semana temos a Eastwood.

Eu devia mesmo prestar mais atenção ao nosso calendário. A Faculdade de Eastwood é a segunda da nossa liga (depois de nós, claro) e os nossos encontros são quase sempre muito renhidos.

E, merda, de repente ocorre-me que, se não tiver boa nota no teste de recuperação de Ética, não vou ser convocado para o jogo com a Eastwood.

— Porra — balbucio.

O Logan rouba-me um pedaço de frango do prato e enfia-o na boca.

— O que foi?

Ainda não falei aos meus colegas de equipa acerca da minha situação com as notas, porque estava com esperança de que a nota da prova intercalar não me prejudicasse muito, mas agora parece que é inevitável.

Por isso, com um suspiro, falo ao Logan da minha negativa a Ética e do que isso pode significar para a equipa.

— Anula a cadeira — diz ele, instantaneamente.

— Não posso. Já passou o prazo.

— Raios.

— Pois.

Trocamos um olhar sombrio e o Logan deixa-se cair no banco ao lado do meu e passa uma mão pelo cabelo.

— Então, tens de atinar, meu. Põe-te a marrar que nem um louco para teres uma boa nota nesta merda. Nós precisamos de ti, G.

— Eu sei. — Agarro no meu garfo, frustrado, depois volto a pousá-lo. Tinha ficado sem apetite. Este é o meu primeiro ano como capitão de equipa, o que é uma grande honra, tendo em conta que ainda nem sequer sou finalista. Devia seguir os passos do meu antecessor e conduzir a minha equipa para outro campeonato nacional, mas como raio posso fazer isso se não estiver no rinque com eles?

— Já tenho uma explicadora em vista — assevero ao meu colega.
— A miúda é um génio.

— Ótimo. Paga-lhe tudo o que ela quiser. Eu contribuo, se quiseres.

Não consigo deixar de sorrir.

— Uau. Estás a oferecer-te para prescindires do teu querido di-nheiro? Deves *mesmo* querer que eu jogue.

— Podes ter a certeza disso. É o nosso sonho, meu. Eu e tu com as camisolas dos Bruins, lembraste?

Tenho de admitir, é um sonho espetacular. É aquilo de que eu e o Logan temos falado desde que nos atribuíram o mesmo quarto em caloiros. Não tenho dúvida nenhuma de que vou jogar como profissional quando acabar a faculdade. Não há dúvida de que o Logan também vai ser convocado. O tipo é mais rápido do que um relâmpago, e um animal no rinque de gelo.

— Sobe-me a porra dessa nota, G! — ordena-me. — Senão dou cabo de ti.

— O treinador dá cabo de mim primeiro. — Consigo fazer um sorriso. — Não te preocupes. Já estou a tratar de tudo.

— Acho bem. — O Logan rouba outro pedaço de frango antes de sair da cozinha.

Engulo o resto da comida e volto a subir as escadas para ir à procura do meu telemóvel. Está na hora de aumentar a pressão sobre a Hannah-sem-um-M.

3

Hannah

— Acho mesmo que devias cantar essa última nota em mi maior — insiste o Cass.

Parece um disco riscado, a lançar a mesma sugestão pouco razoável de cada vez que terminamos de ensaiar o nosso dueto.

Ora, eu sou uma pacifista. Não acredito em usar os punhos para resolver um problema, acho que a luta organizada é bárbara e a ideia da guerra deixa-me nauseada.

Mas estou a *esta distância* de dar um murro na cara do Cassidy Donovan.

— A nota é demasiado grave para mim. — Falo num tom firme, mas é impossível esconder o meu aborrecimento.

O Cass passa uma mão frustrada pelo cabelo escuro e ondulado e vira-se para a Mary Jane, que está à espera, pouco à vontade, ao piano.

— Tu sabes que tenho razão, MJ — diz-lhe, num tom suplicante. — Vai ter mais impacto se eu e a Hannah acabarmos na mesma nota, em vez de fazermos a harmonia.

— Não. Acho que vai ter mais impacto se fizermos a harmonia — argumento.

Estou pronta para começar a arrancar os cabelos. Sei muito bem o que o Cass está a tramar. Ele quer terminar a canção com a *sua* nota. Tem estado a armar merdas como esta desde que decidimos

juntar-nos para o espetáculo de inverno, fazendo tudo o que pode para colocar a sua própria voz em destaque enquanto me remete para o fundo.

Se eu soubesse que o Cass era uma prima-dona tão grande, nunca na vida teria aceitado fazer um dueto, mas o parvalhão decidiu mostrar o seu verdadeiro eu *depois* de começarmos os ensaios, e agora é demasiado tarde para voltar atrás. Investi demasiado tempo neste dueto e, honestamente, adoro a canção. A Mary Jane escreveu uma peça incrível, e uma parte de mim não quer mesmo desiludi-la. Além disso, sei que a faculdade prefere duetos a solos, porque as quatro últimas *performances* premiadas foram duetos. Os júris ficam malucos com harmonias complexas, e esta composição tem-nas aos montes.

— MJ? — insiste o Cass.

— Hmm...

Vejo a pequena loura derreter sob o olhar magnético do Cass. Ele tem este efeito sobre as mulheres. Tão atraente que até irrita, tem ainda uma voz que, por acaso, é fenomenal. Infelizmente, tem também total noção destes seus dois trunfos e nenhuns escrúpulos em usá-los em sua vantagem.

— Talvez o Cass tenha razão — murmura a MJ, evitando o meu olhar enquanto me atraiçoa. — Porque é que não tentas o mi maior, Hannah? Vamos só experimentar uma vez e ver qual das opções resulta melhor.

Apetece-me gritar, mas mordo a língua. Tal como eu, a MJ tem sido obrigada a lidar com as ultrajantes exigências e as «ideias brilhantes» do Cass nestas semanas, e não posso censurá-la por tentar chegar a um compromisso.

— Está bem — resmungo. — Vamos experimentar.

O triunfo ilumina os olhos do Cass, mas não por muito tempo, porque, depois de cantarmos a canção de novo, torna-se claro que a sugestão é uma merda. A nota é demasiado baixa para mim e, em vez de fazer a fabulosa voz de barítono do Cass sobressair, a minha parte soa tão deslocada que só distrai a atenção da dele.

— Acho que é melhor a Hannah cantar a nota original.

— A Mary Jane olha para o Cass e morde o lábio, como que com medo da sua reação.

Mas, embora arrogante, o rapaz não é parvo.

— Tudo bem — diz ele, secamente. — Fazemos à tua maneira, Hannah.

Ranjo os dentes.

— Obrigada.

Por sorte, a nossa hora está a terminar, o que significa que o espaço de ensaios está prestes a ser ocupado por uma das turmas do primeiro ano. Ansiosa por sair dali, guardo num instante as minhas partituras e visto o casaco. Quanto menos tempo tiver de passar com o Cass, melhor.

Céus, não o suporto.

Ironia do destino, a nossa música é uma canção de amor profundamente emotiva.

— Amanhã à mesma hora? — Os olhos dele encontram os meus, expectantes.

— Não, amanhã é às quatro, lembra-te? Trabalho às terças à noite. O desagrado endurece-lhe o rosto.

— Sabes, já podíamos ter esta música preparada há séculos, se o teu horário não fosse tão... inconveniente.

Arqueio uma sobrancelha.

— Diz o tipo que se recusa a ensaiar aos fins-de-semana. Porque, por acaso, *eu* estou livre aos sábados e domingos à noite.

Ele contrai os lábios e depois sai sem dizer nem mais uma palavra. Parvalhão.

Um pesado suspiro ecoa atrás de mim. Viro-me e percebo que a MJ ainda está ao piano, ainda a morder o lábio.

— Desculpa, Hannah — diz suavemente. — Quando vos pedi para cantarem a minha música, não pensei que o Cass ia ser tão difícil.

O meu aborrecimento desvanece quando me apercebo de como ela está perturbada.

— Ei, a culpa não é tua — asseguro-lhe. — Também não estava à espera de que ele fosse tão idiota, mas é um cantor fantástico, por isso vamos só tentar concentrar-nos nisso, pode ser?

— Tu também és uma cantora fantástica. Foi por isso que vos escolhi aos dois. Não conseguia imaginar outra pessoa a dar vida a esta canção, sabes?

Sorrio. É mesmo uma rapariga muito querida, já para não dizer que é uma das compositoras mais talentosas que já conheci. Todas as peças apresentadas na audição têm de ser compostas por alunos de Composição, e, mesmo antes de a MJ me abordar, eu já tinha planeado pedir-lhe para usar uma das suas canções.

— Vamos dar o litro pela tua música, MJ, prometo. Não liguês às birras do Cass. Acho que ele gosta de discutir só por discutir.

Ela ri-se.

— Sim, provavelmente. Vemo-nos amanhã?

— Sim. Às quatro em ponto.

Faço-lhe um pequeno aceno e depois saio da sala de coro, para me dirigir para o exterior.

Uma das coisas de que mais gosto na Briar é o *campus*. Os edifícios, antigos e cobertos de hera, estão ligados uns aos outros por caminhos de pedra debruados com gigantescos ulmeiros e bancos de ferro forjado. A universidade é uma das mais antigas no país, e o seu rol de antigos alunos contém dezenas de pessoas influentes, incluindo mais do que um presidente.

Mas a melhor coisa na Briar é a sua segurança. A nossa taxa de crime aproxima-se do zero, o que julgo ter muito que ver com a dedicação do reitor Farrow à segurança dos seus estudantes. A escola investe uma tonelada de dinheiro em segurança, sob a forma de câmaras estrategicamente colocadas e guardas que patrulham os terrenos 24 horas por dia. Não que seja uma prisão, nem nada que se pareça. Os tipos da segurança são amigáveis e discretos. Para ser sincera, mal reparo neles quando ando pelo *campus*.

A minha residência fica a uns cinco minutos a pé do edifício de Música, pelo que solto um suspiro de alívio quando transponho as portas

altas de carvalho da Bristol House. Foi um dia muito longo, e a única coisa que me apetece é tomar um duche quente e enfiar-me na cama.

O espaço que partilho com a Allie é mais uma *suite* do que um dormitório normal, uma das vantagens de se chegar ao terceiro ano. Temos dois quartos, uma pequena área comum e uma cozinha mais pequenina ainda. A única desvantagem é a casa de banho comunitária, que temos de partilhar com as outras quatro raparigas do nosso piso. Por sorte, nenhuma é desleixada, e as sanitas e os chuveiros costumam estar impecavelmente limpos.

— Olá. Chegaste tarde. — A minha colega de quarto enfia a cabeça pela porta do meu quarto, a beber qualquer coisa por uma palhinha. Qualquer coisa verde e com grumos e absolutamente nojenta, mas é uma visão a que já me acostumei. Nas últimas quatro semanas, a Allie tem andado com a mania dos «sumos», o que significa que acordo todas as manhãs com o zumbido ensurdecido do seu liquidificador, enquanto ela prepara as aquelas refeições líquidas nojentas para o resto do dia.

— Tive ensaio. — Descalço os sapatos, atiro o casaco para cima da cama e começo a despir-me até ficar em roupa interior, apesar de a Allie continuar à porta.

Ao princípio, era demasiado tímida para me despir na sua frente. Quando partilhámos um quarto duplo, em caloiras, passei as primeiras semanas a despir-me debaixo do cobertor ou a esperar que a Allie saísse do quarto. Mas não há nada a fazer: na faculdade, privacidade é coisa que não existe, e, mais cedo ou mais tarde, há que aceitar isso mesmo. Ainda me lembro de como me senti envergonhada na primeira vez que vi os seios nus da Allie, mas a rapariga não tem qualquer sentido de vergonha e, quando me apanhou a olhar, limitou-se a piscar-me o olho e a dizer «São grandes, não são?»

Depois disso, nunca mais me dei ao trabalho de manter a rotina de me enfiar debaixo dos cobertores.

— É verdade...

Aquela introdução casual põe-me de sobreaviso. Já vivo com a Allie há dois anos. Tempo suficiente para saber que, quando ela

começa uma frase com «É verdade», de um modo geral o que se segue é qualquer coisa que não quero ouvir.

— Hmmm? — murmuro, enquanto retiro o meu roupão de banho do gancho na porta.

— Vai haver uma festa na casa Sigma, na quarta à noite. — Os seus olhos azuis têm um brilho severo. — Tu vens comigo.

Solto um gemido.

— Festa numa república? Nem penses.

— Penso, penso. — Cruza os braços sobre o peito. — As provas intercalares já acabaram, por isso não tens essa desculpa. E prometeste que ias fazer um esforço para seres mais sociável, este ano.

Eu *tinha mesmo* prometido isso, mas... não há nada a fazer. Não gosto de festas.

Fui violada numa festa.

Céus, detesto essa palavra. Violada. É uma das poucas palavras que tem um efeito visceral em mim. Como uma poderosa bofetada na cara ou o baque de um balde de água gelada despejada sobre a minha cabeça. É feia e desmoralizadora, e eu esforço-me imenso para não a deixar controlar a minha vida. Já trabalhei muito para ultrapassar o que me aconteceu. Mesmo muito.

Sei que a culpa não foi minha. Sei que não pedi para que me acontecesse e que não fiz nada para o incitar. Não perdi a capacidade de confiar nas pessoas nem passei a temer todos os homens que se cruzam no meu caminho. Anos de terapia ajudaram-me a ver que o peso da culpa reside unicamente *nele*. Havia alguma coisa de errado com *ele*. Não comigo. Nunca comigo. E a lição mais importante que aprendi foi que não sou uma vítima — sou uma sobrevivente.

Mas isso não significa que o ataque não me tenha mudado. Mudou. Há uma razão para andar com uma lata de gás pimenta na minha carteira e para ter o número das emergências pronto a ligar no meu telefone, quando volto para casa sozinha à noite. Há uma razão para não beber em público nem aceitar bebidas de ninguém, nem sequer da Allie, porque há sempre a hipótese de ela me passar inadvertidamente um copo que já tenha sido manipulado.

E há uma razão para não ir a muitas festas. Suponho que esta seja a minha versão de SPT. Um som, um cheiro ou uma breve imagem de qualquer coisa inofensiva podem fazer com que as memórias venham à tona. Estou no meio de uma multidão. E, de repente, tenho outra vez 15 anos e estou de volta à festa de Melissa Mayer, encurralada no meu próprio pesadelo pessoal.

A Allie suaviza o tom de voz quando vê o meu rosto inquieto.

— Já fizemos isto antes, Hannah. Vai ser como em todas as outras vezes. Nunca te perco de vista e nenhuma de nós bebe uma gota. Prometo-te.

Sinto a culpa a contrair-me a barriga. Culpa, arrependimento e um toque de admiração, porque, bolas, ela é mesmo uma amiga incrível. Não tem de ficar sóbria e manter-se vigilante só para me fazer sentir confortável, mas é o que a Allie faz de cada vez que saímos, e amo-a profundamente por isso.

Mas detesto que ela tenha de o fazer.

— Está bem — cedo, não apenas por ela, mas também por mim. Eu tinha prometido que ia ser mais sociável, mas também prometi a mim mesma que ia fazer um esforço para experimentar coisas novas, este ano. Baixar as minhas defesas e parar de ter tanto medo do desconhecido. Uma festa numa república pode não caber no meu conceito de divertimento, mas, quem sabe, talvez acabe por gostar.

O rosto da Allie ilumina-se.

— Boaaa! E, vês?, nem precisei de jogar o trunfo que trazia na manga.

— Qual trunfo? — pergunto, desconfiada.

Um sorriso curva-lhe os cantos da boca.

— O Justin vai lá estar.

A minha pulsação acelera.

— Como é que sabes?

— Eu e o Sean encontrámo-lo no refeitório e ele disse que ia. Acho que há um bando de grunhos da faculdade a planear aparecer.

Faço-lhe uma careta.

— Ele não é grunho.

— Ooh, tão fofinha, a defender um jogador de futebol americano. Espera aí, tenho de ir lá fora ver se já há porcos a andar de bicicleta.

— Ha-ha.

— A sério, Hannah, é *esquisito*. Quero dizer, não me interpretes mal, estou super feliz por teres uma pancada por alguém. Já passou, o quê, um ano, desde que tu e o Devon acabaram? Só não compreendo como é que tu, logo tu, andas interessada num jogador.

O desconforto sobe-me pela coluna acima.

— O Justin é... ele não é como os outros. É diferente.

— Diz a rapariga que nunca trocou uma única palavra com ele.

— Ele é diferente — insisto. — É calado e sério e, pelo que tenho visto, não anda atrás de tudo o que tenha saias, como os colegas. Ah, e é inteligente. Vi-o a ler Hemingway no pátio, na semana passada.

— Devia ser uma leitura obrigatória.

— Não era, não.

Ela semicerrou os olhos.

— Como é que sabes?

Sinto o rubor subir-me pelas faces.

— Uma rapariga falou-lhe do livro na aula, no outro dia, e ele disse-lhe que Hemingway era o seu autor preferido.

— Oh, meu Deus. Agora andas a ouvir as conversas dos outros? És mesmo tarada. — A Allie solta um suspiro. — Pronto, está decidido. Na quarta à noite vais ter um verdadeiro diálogo com o tipo.

— Talvez — digo, sem querer comprometer-me. — Se surgir a oportunidade...

— Eu vou fazer com que surja. A sério. Não vais sair daquela casa sem teres falado com o Justin. Não quero saber se só dizes olá, tudo bem. Vais *falar* com ele. — Agita o indicador no ar. — Entendido?

Solto uma risada de troça.

— Entendido? — repete num tom severo.

Após uma pausa, solto um suspiro de derrota.

— Entendido.

— Ótimo. Agora despacha-te a tomar um duche, para podermos ver uns episódios de *Ted Lasso* antes de irmos para a cama.

FINALISTA DO PRÉMIO GOODREADS PARA MELHOR ROMANCE

Pela primeira vez em muito tempo, Hannah Wells encontrou um rapaz capaz de lhe tirar o fôlego. Mas como é que ele irá reparar nela, se aquele terrível acontecimento do seu passado a deixou tão insegura quanto à sua capacidade de sedução?

Para conseguir sair da sua zona de conforto e tornar-se mais visível e apetecível aos olhos de Justin, Hannah terá de se juntar a Garrett Graham, o arrogante capitão da equipa de hóquei no gelo da universidade, que procura a ajuda dela para melhorar as notas e assim poder seguir a sua carreira desportiva.

Juntos irão fazer um pacto que terá tanto de vantajoso como de imprevisível. E este jogo em que ambos decidem entrar reserva-lhes muitas surpresas que poderão vir a pôr em causa os seus objetivos iniciais.

«Neste livro, Elle Kennedy conseguiu captar de forma exímia os sentimentos, o romance e a sensualidade desenfreada do género New Adult.»


ALICE CLAYTON



AUTORA DE *A TENTAÇÃO NA PORTA AO LADO*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Romance Erótico

 penguinlivros.pt

  topseller.editora

ISBN 9789896238216



9 789896 238216 >